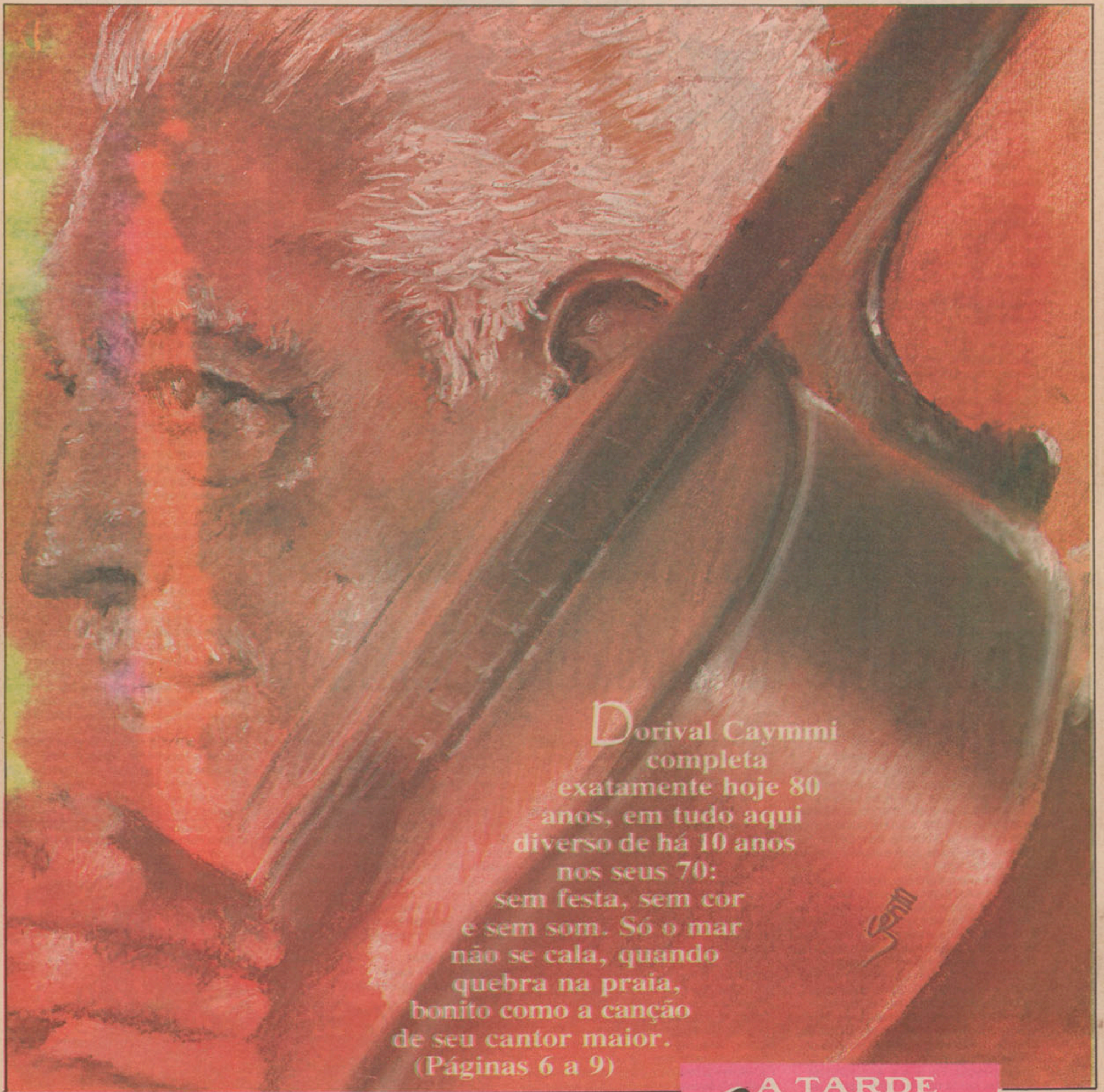


80 ROSAS DE ABRIL



Dorival Caymmi completa exatamente hoje 80 anos, em tudo aqui diverso de há 10 anos nos seus 70: sem festa, sem cor e sem som. Só o mar não se cala, quando quebra na praia, bonito como a canção de seu cantor maior. (Páginas 6 a 9)

Ilustração: retrato de Dorival Caymmi por Gentil

A TARDE
Cultural

SALVADOR ■ SÁBADO ■ 30.4.94

● O melhor intérprete de minhas músicas sou eu, não há dúvidas.



Caymmi, 80

Há exatamente 10 anos, quando Dorival Caymmi completava 70 anos, a Cidade do Salvador se abriu em festas. Foram quatro dias de homenagens e folgado: o cantor-compositor chegou já à noite do dia 26, uma quinta-feira, e foi recebido calorosamente ainda no aeroporto. A festa acabaria no dia 30, uma segunda-feira, mas projetaria um foco luminoso: mais adiante, em dezembro, sob as luzes do aplauso e do reconhecimento (podia-se dizer gratidão), a Universidade Federal da Bahia lhe conferia o título de Doutor Honoris Causa. "Sou um compositor, um cantor da Bahia. Nunca desejei ser outra coisa" — diria ele comovido em seu agradecimento. Mas, para a grande festa de meses antes, o fervor era tanto que o escritor Jorge Amado, à guisa de convocação ao povo, clamava: "Venham todos, pois é dia de festa, de festa maior. Tragam os atabaques e convoquem os afoxés, os mestres da capoeira, os ogans, as equedes e os congos. Não esqueçam os malês. O dia é de festa". Chamava-o de "rei do dengue, da picardia e da malemolência", o que tinha feito "mais belas e mais dengosas" Janaina e as moças da Bahia, e que vivera sempre "no colo e nos braços de Iemanjá", e aproveitava o amigo para lembrar que Caymmi era "aquele que preserva nossa memória de mar e de terra, do batuque e da rosa de abril" e que imortaliza "nosso orgulho de humildes que não toleram humilhação".

Pois é, 10 anos depois, os 80 anos do poeta do mar da Bahia passam sem cor e sem som, quase em completo silêncio.

(Da Redação)

A poesia tem seu momento na vida

Entrevista a Marconi de Souza, exclusiva para A TARDE Cultural

Dorival Caymmi faz hoje exatos 80 anos e, pasmem, avisa que finalmente vai parar de trabalhar. O pasmo aqui fica por conta do próprio compositor, afinal foi ele quem logrou pairasse sobre si uma aura de preguiçoso, como afirma nesta entrevista concedida semana passada por telefone. E foram necessários algumas noites de bate-papo informal para que ele confidenciasse segredos, definisse compositores, elogiasse mercedosamente composições de alguns autores. Na verdade, esta conversa teve início em junho do ano passado. Na ocasião, o contexto da nossa prosa pairou estritamente sobre elementos da linguagem musical. Desta vez não foi tão diferente, embora as perguntas tenham um espectro mais soft, mais pop, enfim, mais próximo deste compositor baiano, nascido na Rua do Bângala (hoje Luís Gama), bairro de Nazaré. "Caetano Veloso é a presença de várias comunicações", diz o poeta Caymmi, sabendo disfarçadamente que ele é um dos principais responsáveis por

isso. De fato, a composição caymmiana revela-se pioneira como propulsora de uma "verbo-voco-visualidade" — para lembrarmos dessa feliz terminologia joyciana. E ele confirma isso, quando diz que os trejeitos de Carmen Miranda em O Que é Que a Baiana Tem são criações suas, concebidas ainda na Bahia. Enfim, Caymmi é, enquanto compositor, o embrião da criação intersemiótica que alcançará os tropicalistas e outros mais contemporâneos. Esta sim é a razão pela qual sem ele a história da MPB teria um curso diferente. Entretanto, ao contrário do que vem ocorrendo no eixo Rio-São Paulo, quase nenhuma manifestação partiu da Bahia para homenagear este que é, também, seu primeiro embaixador turístico. Mas Dorival Caymmi diz não guardar ressentimentos, imputando ao ano eleitoral o fato do esquecimento. Aliás, nesta entrevista ele aproveita a deixa para revelar um segredo, ou melhor, para poetizar sobre a verdadeira homenagem. Segue a entrevista.



As crioulas, de Carybé, 1967: o amigo pintor trabalhando um tema do cantor da gente e do mar da Bahia.

— Você nasceu na véspera de quando se comemora o Dia do Trabalho. Não acha isso irônico, já que existe uma mística da preguiça em torno de sua pessoa?

Caymmi — O jornalista Antonio Maria, um antigo amigo nosso e que já morreu, foi o primeiro a descobrir isso. Ele costumava brincar dizendo: "Caymmi nasceu quase no Dia do Trabalho que é um feriado". Na verdade, eu espalho essa fama de preguiçoso porque me convém, evito assim muitos aborrecimentos. Acho até engraçado, mas quando

querem generalizar, ou seja, incluir a Bahia no rótulo, então sou contra. Eu não quero comprometer o cidadão baiano como um homem preguiçoso, porque não é verdade. O baiano é trabalhador, embora a única imagem que fica é a do homem de rua, alegre, sacudido, de gargalhadas gostosas. Aliás, tenho ido a Salvador, de vez em quando, e não ouço mais aquelas gargalhadas, por causa das máquinas e dos motores presentes nas ruas. Sem dúvida que toda essa tecnologia é fruto de muito trabalho.

— Sua produção musical não é extensa, como a de outros compositores. Isso contribui bastante para a fama de ocioso...

Caymmi — Sempre comentam isso, mas nunca me preocupei em dar explicações para o fato. O que aconteceu foi que entre as décadas de 1940 a 1950, eu travei uma luta contra as programações das rádios, que eram muito rigorosas. Ou seja, os compositores eram contratados por elas, e exigidos a uma constante renovação de repertório. Eu não aceitava isso, porque seguia minha sensibilidade própria de compor e, por motivos que me são alheios, as canções resistiam um pouco ao tempo para surgir. Então, jamais iria forçar a barra com obras artificiais para alimentar o repertório de cantor.

— A questão não estaria também ligada a um certo perfeccionismo?

Caymmi — Às vezes, sim. Vejo o caso de João Valentão. Eu empaquei numa frase que para mim merecia ser melhor, mas não conseguia encontrá-la. Parei a canção e levei uns nove anos sem pensar nela. A frase — "e

basta você ouvir a jocosa *Maricotinha*, que fiz recentemente e está no último disco do Tom Jobim e no videoteape *Paratodos*, do Chico Buarque.

— A qualidade do seu repertório é inversamente proporcional à quantidade de obras. Nesse universo riquíssimo, você arriscaria destacar alguma canção?

Caymmi — Eu tenho preferência apenas por detalhes de cada uma delas, mas se fosse obrigado a escolher, sem dúvida que *Marina* e *O Mar* seriam as premiadas. A primeira por questões familiares. *Marina* não foi inspirada em nenhuma mulher. Quando meu filho, Dori, tinha quatro anos, nós tivemos uma briguinha, e ele ficava repetindo: "Tô de mal com você". A canção nasceu desta frase. Agora, *O Mar* é algo mais individual, pois remete para mim um elo muito forte entre o Rio e a Bahia. Eu comecei a fazê-la em Salvador e só terminei aqui, quando vim morar em 1938. Além disso, é uma canção que conjuga, como nenhuma outra, aquela coisa da elaboração com a espontaneidade.

— Durante esses anos todos ficou alguma música de um outro compositor que você gostaria de ter feito?

Caymmi — Essa é uma pergunta pouco incomum, mas acho que nunca respondi. Deixe-me pensar... Tem várias... Poderia ser *Noite Calmosa*, uma modinha bem antiga e que nem sei quem são os autores. Gostaria de escrever *Odeon*, de Ernesto Nazaré, e também *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

— Você já foi interpretado por grandes nomes da MPB contemporânea como João Gilberto, Gal Costa, Elis Regina e Roberto Carlos, dentre outros. Quem é o melhor intérprete de Dorival Caymmi?

Caymmi — Sou eu, não há dúvi-



Três doutores honoris causa pela UFBA: Carybé, Caymmi e Jorge Amado.

não daria outra coisa senão a explosão máxima da nossa música, que é João Gilberto.

— Você endossa o coro dos que dizem que suas dissonâncias e modulações musicais influenciaram decisivamente no surgimento da Bossa-Nova?

Caymmi — Eu vejo vários elementos da minha música na Bossa-Nova. Bem, cronologicamente eu surto no final dos anos 30, portanto, duas décadas anteriormente à Bossa-Nova. Quando eu morava na Bahia já fazia instintivamente a inversão de acordes, na busca de retratar, ou melhor, completar na música as paisagens presentes nas letras. Na maioria das vezes, essas alterações se davam espontaneamente. Há de se admitir, porém, que naquela época já existiam músicos compositores da qualidade de Garoto e Laurindo de Almeida, por exemplo. Só que não havia da parte deles grande atrevimento na harmonização de dissonâncias.

— E quanto a Carmen Miranda, você não só forneceu a música que a tornou famosa mundialmente, como desenhou aquela linguagem vestual, gestual etc...

Caymmi — Olha, é bom que se

● João Gilberto: "Uma ostra que carrega o ouro de nossa música". Caetano Veloso: "Várias comunicações, mas sua força poética quase sempre domina suas melodias". Gilberto Gil: "Não tenho modernidade para acompanhá-lo; sua música me envolve".

assim adormece esse homem que nunca precisa dormir pra sonhar" — quando surgiu fechou a composição.

— Em várias obras suas há elementos que denunciam uma metodologia de composição não restrita à pura espontaneidade. Como é que ela funcionava, ou funciona, se é que você ainda tem motivação para compor?

Caymmi — Há muita espontaneidade, mas também uma elaboração consciente. É bom frisar aqui que meu método de compor não traz, de início, o violão no acompanhamento. Eu vejo a canção com o que chamo de "olhos especiais". Neste momento, acontece comigo um fenômeno incomum, ou seja, há uma paz interior e, ao mesmo tempo, uma excitação, a procura de algo, de ritmo. A canção surge então, quase sempre, com música e letra juntas, para só depois eu acrescentar o violão e fazer alguns arranjos. Acho que a entrada do violão já é de uma outra dimensão, mais racional. Quanto a minha atual motivação para compor,

das. Gosto também do Dick Farney. Aliás, há um consenso positivo entre os críticos sobre as minhas interpretações com o violão. Mas, particularmente, gosto mais daquelas com arranjos de Radamés Gnatalli, César Guerra Peixe e Lírio Panicall. Este último, por exemplo, foi um mestre em vestir com coerência meus sambacões, até porque ele era italiano e trazia consigo o calor latino dos românticos que minha música pedia.

— Tendo presenciado mais de seis décadas de música popular no Brasil, há alguma fase que você destacaria como a mais prolífera?

Caymmi — Sim. Desde o aparecimento de Dolores Duran, na década de 50, seja inicialmente como autora e depois como cantora. Ela é o ponto de partida, que emenda em seguida com as várias fases da Bossa-Nova. É aquele tempo de João Donato, Tom Jobim, Carlos Lyra e as poesias de Vinícius de Moraes. Sem dúvida que, num local, onde vários naipes proliferavam tipos e sonoridades distintas,

diga que a Carmen já tinha sua própria teatralidade. Quando a conheci, ela já era uma cantora do gesto. O que eu fiz foi o ponto teatral para minha música. Aquela coisa do turbante, dos brincos, revirar os olhos, os balanços e os movimentos característicos de uma baiana. Fiz uma espécie de roteiro da coisa gestual e vestual para a canção *O Que é Que a Baiana Tem?* Mas é claro que quando eu vim para o Rio já trazia comigo os trejeitos e os "balangandãs" da Bahia. No final, a coisa funcionou, porque Carmen estava desistindo da carreira e, de repente, tornou-se uma estrela universal.

— Após Dorival Caymmi, os nomes de João Gilberto, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram os de maior expressão a surgir na Bahia, sendo que eles se dizem demais influenciados por sua obra. Com toda essa autoridade, você poderia defini-los em poucas linhas?

Caymmi — Eu não costumo fazer isso, mas vamos lá. Olha, eu conheci João Gilberto bem antes do surgimen-

to da Bossa-Nova. Ele estava cantando num bar aqui no Rio, com um grupo que liderava. Naquele momento, nada me pareceu de excepcional. Hoje, quando lembro do fato, sei que tive olhos apenas para ver uma ostra, e não a pérola que há no seu interior. João Gilberto é exatamente isso: uma ostra que carrega o ouro da nossa música. Sobre Caetano Veloso, o que eu vejo é uma presença de várias comunicações, sendo que a sua força poética quase sempre domina suas melodias. Ele é um grande ator. Agora, definir Gilberto Gil é difícil, até porque ele tende muito para o universal. Eu não tenho modernidade para acompanhá-lo. Sua música me envolve.

— **No início deste mês você leilou vários quadros de sua pinacoteca, inclusive um Portinari, que foi arrematado por cerca de 60 mil URVs. Perdeu a motivação em apreciá-los?**

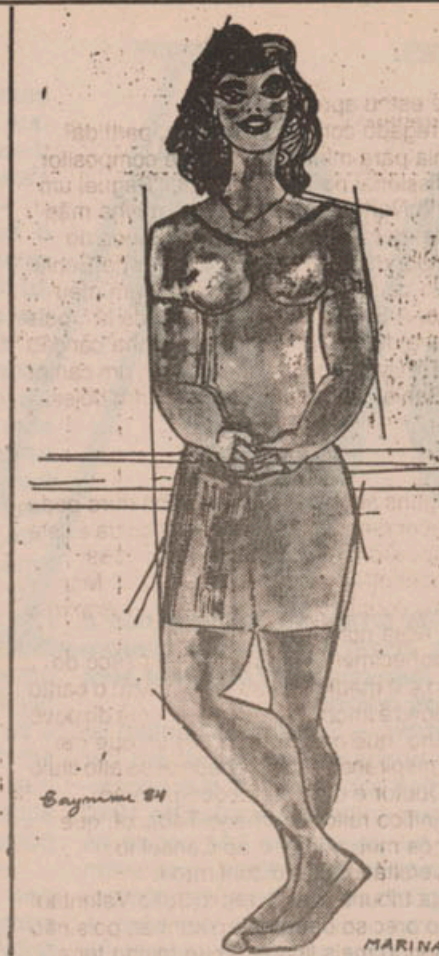
Caymmi — A venda dos quadros foi uma decisão familiar, para fazer um pecúlio. Cheguei aos 80 anos com netos e bisnetos encaminhados, e por isso resolvi parar de trabalhar (risos). Vou viajar bastante com minha esposa, Stela Maris. Nós merecemos isso, até mesmo porque não comemoramos as Bodas de Ouro, em 1990. Ou seja, a venda de alguns quadros vai me dar

tempo para apreciar outros quadros, até em países longínquos, continuar lendo livros e ouvindo Wagner, Brahms, Chopin e Debussy, por exemplo. Quero ter folga para ouvir, quando quiser, toda a *Tristão e Isolda*, embora minha paixão mesmo seja Bach. Adoro seus prelúdios, cantatas e concertos.

— **Em entrevista recente à Folha de S. Paulo, você criticou os políticos brasileiros, e, em especial, o ex-governador Antonio Carlos Magalhães. Há algum ressentimento nisso pelo fato de não partir da Bahia nenhuma homenagem aos seus 80 anos?**

Caymmi — Não. Eu sei que políticos em ano eleitoral esquecem as homenagens, porque, aparentemente, não rendem votos. A crítica que fiz é a apenas de um observador, não é uma crítica política, nem pessoal. Agora, vou lhe fazer uma confidência. Homenagem é como festa de rua. Tem que ser espontânea, tem que partir do povo. Do contrário, é mentirosa. Dessa forma, me sinto um eterno homenageado, porque chego aos 80 anos ouvindo por aí canções que fiz há mais de 50 anos.

■ **Marconi de Souza é músico, pesquisador musical e estudante de Jornalismo na Facom — UFBA.**



Caymmi — pintor — desenhou muitos dos personagens de suas canções. Aqui, dois deles, a famosa Marina (1984) e o pescador (1979).

alguns desenhos. Resolveu, então, tentar carreira no rádio. Passou pelas rádios Tupy e Transmissora conseguindo muitos admiradores. Entre eles, o polivalente Almirante — radialista, cantor, compositor e escritor — considerado a figura mais importante do Rádio brasileiro. Almirante levou Dorival para a Rádio Nacional, onde passou a ganhar 700.000 (setecentos mil reais) por mês.

A Rádio Nacional era sinônimo de publicidade e projeção. Criada em 1936, durante a ditadura Vargas, a emissora liderou o mercado radiofônico por várias décadas. Lá trabalhavam artistas de primeira linha. Caymmi começou a fazer sucesso e a frequentar rodas de músicos eruditos e artistas plásticos. Sua grande chance aconteceu, porém, no cinema. O produtor americano Wallace Downey, que já tinha feito os filmes *Alô, alô, Brasil* e *Alô, alô, carnaval* resolveu preparar um novo filme para o Carnaval de 1939. A nova produção, chamada *Banana da terra*, contaria com a presença de grandes nomes da época, como Carmen Miranda, João de Barro, Oscarito, Lauro Borges, Carlos Galhardo, Orlando Silva, Mário Lago e Almirante. Entre as músicas programadas estavam *Na Baixa dos Sapateiros*, de Ary Barroso, e *Boneca de piche* (Ary Barroso e Luiz Iglesiás). Mas, o mineiro de Ubá exigiu o pagamento de 10 contos de réis pela inclusão das músicas no filme e a produção não aceitou a exigência.

Os quadros mais importantes do filme eram aqueles em que aparecia Carmen Miranda cantando as músicas de Ary Barroso. O guarda-roupa e os cenários já tinham sido feitos pensando na música de Ary. Como o compositor não baixou a proposta, o jeito foi arranjar alguém para substituí-lo. Sobre o episódio, Almirante escreveu na sua coluna "Cantinho das Canções", no jornal *O Dia* (Rio de Janeiro): "Ary Barroso exigia a quantia de 10 contos de réis para permitir a inclusão de suas duas músicas no filme. Era um desperdício. Veio a lembrança de um moço baiano, ainda desconhecido, autor de canções como *O que é que a baiana tem?*, chamado por Dorival Caymmi". Assim, Carmen Miranda acabou cantando *O que é que a baiana tem?* vestida de baiana, mas no cenário de *Aquarela do Brasil*. E foi um estouro.

■ **Alexandre Augusto Teixeira Gonçalves é jornalista, diplomado pela Facom-UFBA.**

● **Eu gostaria de ter escrito "Aquarela do Brasil", do Ary Barroso.**

Dengo baiano em cenário de aquarela

QUANDO o jornal baiano *O Imparcial* fechou suas portas, em 1929, numa primeira fase, muita gente ficou desempregada. Entre eles um mulato de apenas 15 anos de idade de prenome Dorival. Apesar da pouca idade, o rapaz tratou de arrumar rapidamente um novo afazer. A convite de um amigo de infância começou a trabalhar como praticista, vendendo bebidas. O novo emprego só durou até o dia em que, com alguns amigos, resolveu beber as amostras. Despedido, passou a fazer bicos, até alguns anos depois fazer concurso para escrivão de coletoria estadual. Apesar de ser aprovado em segundo lugar, a nomeação não saiu, e o concurso acabou caducando. Dorival Caymmi bem que teria sido um funcionário público exemplar. Pelo menos assim pensava Stella Maris, sua mulher. "Dorival sempre foi um homem 100% doméstico. Ele poderia ser até funcionário público, pois, apesar de às vezes chegar em casa de madrugada, sempre participou do café da manhã com as crianças". Felizmente, a vocação de Dorival não tinha nada a ver com o funcionalismo público. Filho de "seu" Durval, modesto funcionário

público bom de piano, violão e bandolim, desde cedo o menino Dorival se interessou pela música. Como depois iria dizer o compadre Jorge Amado, "Cresceu assim o moço Caymmi, na pesca, na serenata, na festa de bairro, no samba de roda, nos terreiros de santo, vivendo cada instante de sua cidade e de sua gente, alimentando-se de sua realidade e de seu mistério, preparando-se para ser seu poeta e seu cantor". Caymmi começou cantando em coro de igreja com sua voz de baixo-cantante. Aprendeu sozinho a tocar violão e, aos 19 anos, compôs sua primeira música, a toada *No sertão*. Em 1935, foi aprovado em um teste na Rádio Clube da Bahia, onde passou a se apresentar esporadicamente. Até que a conselho do diretor da rádio, Gilberto Martins, resolveu tentar a vida no Sul do País. Pegou um Ita no Norte e foi pro Rio morar, como diria numa canção famosa. Levando como bagagem cursos de inglês, datilografia, matemática, e o primário, partiu para o Rio de Janeiro, onde chegou em abril de 38. Seu bem mais precioso era um violão e sua melhor qualidade, jeito de tocar inovador. Dedilhava acordes mais dissonantes e abertos. Numa harmonia considerada estranha para época. Naquele tempo, os músicos mantinham-se presos

aos acordes tonais perfeitos, às harmonias tradicionais da modinha. Caymmi costumava alterar os acordes perfeitos das canções que tocava. Assim, simplesmente inventou o modalismo na MPB. Tirava o dedo de uma corda e colocava na outra procurando um som harmônico diferente. Fazia, na verdade, a mesma coisa que mestres como Garoto e Laurindo de Almeida — instrumentistas de mão cheia e estudiosos de música. Chegando ao Rio de Janeiro, Dorival Caymmi conseguiu emprego na revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. Pretendia ser jornalista e ilustrador. Acabou fazendo apenas pequenos serviços, apesar de conseguir publicar



Doutor na picardia

Em 1984, em cerimônia no auditório da Reitoria, presidida pelo então reitor Germano Tabacof, presente dois outros doutores *honoris causa* (Jorge Amado, pelo romance, e Carybé, artes plásticas), Dorival Caymmi geralmente infenso a ocasiões solenes, pronunciou discurso de agradecimento de que vale lembrar alguns trechos. Eu, Dorival Caymmi, meu cancionista e meu canto nascemos nesta cidade da Bahia, da música de suas ruas e de seu mar, melodia livre da pessoa humana som preponderante sobre os ruídos mecânicos,

gargalhada alegre da baiana de saia rodada, em torno dos mercados, o som do bonde lento, afastando-se nos trilhos, juntando-se à voz, ao choro e ao riso dos homens e mulheres. A música da vida baiana. Cresci num ambiente musical. Funcionário público, meu pai, seu Durval, era músico amador. Tocava seu piano familiar, seu bandolim, seu violão e acompanhava minha mãe, dona Sinhá, nas cantigas românticas que ela entoava com sua bela voz sem interromper a labuta doméstica — aquela doçura.

(...)

Iniciei-me compositor com risonhas paródias, mas logo passei para as cantigas inspiradas no povo de Itapuã, onde a família veraneava, nos pescadores, nas baianas — ancas de mulatas, batas e balangandãs — nas festas e festinhas. Trabalhava letra e música partindo do cancionário popular, da pesquisa e da invenção do povo da Bahia. Onde houvesse festa de largo, assustado, samba-de-roda, roda-de-capoeira, trezena de Santo Antônio, novena de São João rezadas em casa, o mês de Maria — ah o mês de Maria, as doces namoradas! — as obrigações de santo nos terreiros de onde vinham os sons dos atabaques, onde o povo cantasse e dançasse, lá estava eu ouvindo, participando, aprendendo. Até

hoje estou aprendendo. Carregado com essa riqueza, parti da Bahia para minha carreira de compositor profissional no Sul do Brasil, "Peguei um Ita no Norte, adeus meu pai, minha mãe". Andei com meu canto os caminhos do mundo, mas nunca estive longe da Bahia, ela ia comigo em meu violão e em meu peito. A Bahia "Estava viva ainda lá", pois estava dentro de mim e em minha canção eu a revivia. Sou um compositor, um cantor da Bahia. Nunca desejei ser outra coisa.

(...)

A alguns senhores de colarinho duro pode parecer demasiada honra concedida a este compositor que vos fala, um simples menestrel — talvez tenham razão. Mas sem presunção nem vaidade, eu vos afirmo que essa honraria é merecido reconhecimento à música que nasce do povo e é medida de sua grandeza: o canto do povo é imortal. Assim, em nome do povo baiano, que me fez compositor, que me deu inspiração e voz, recebo esse alto título de Doutor e digo muito obrigado ao Magnífico reitor Germano Tabacof, que propôs meu nome, e ao Conselho Universitário, que o confirmou. Nesta tribuna ilustre, repito João Valentão: "Não preciso dormir para sonhar, pois não há sonho mais lindo do que minha terra, não há".



A "baiana" Carmen Miranda entre Caymmi (à esq.) e Assis Valente: dois baianos de sucesso no tempo de "O que é que a baiana tem".

Mulato boa-vida

Dorival Caymmi sempre foi considerado um boa-vida. E ele nunca escondeu essa particularidade. Sempre assumiu a preferência por uma vida tranqüila e confortável. Suas músicas surgiram de um estado de espírito sereno. Suas composições não aceitavam encomendas. Vinham em tempo certo, recusando-se aos apelos mercadológicos. Nem a pedido veemente de amigos, o cantor conseguia sair de seu ritmo. Certa vez, Caymmi resolveu dedicar-se à pintura. Isto lá pelo final dos anos 40. Levantava-se cedo, ia para o cavalete, pegava o carvão e começava a desenhar. E o tempo passava lento, seguindo sua marcha. Passou a freqüentar rodas de artes plásticas, folhear livros de artes e a compor cada vez menos. A família ficava preocupada, afinal a música era o seu sustento. Um dia o compadre Jorge Amado acabou com a festa de Caymmi. Queria transformar o romance Terras do Sem Fim

em uma peça teatral, com músicas feitas pelo amigo. Pediu que parasse com "este negócio de pintura" e levou o parceiro para seu sítio, próximo ao Rio de Janeiro. Como nunca foi do feitio do velho Dorival escrever por encomenda, nem para amigos. Até hoje a peça não saiu. Para Dorival a perfeição vem ao acaso. Ele nunca precisou trabalhar freneticamente para ser sucesso. Seguindo seu próprio balanço foi um grande arrecadador de direitos autorais. Na década de 60, ao lado de Ary Barroso e Herivelton Martins, liderava a arrecadação de direitos na SBACEM. Diferentemente do baiano, tanto Herivelton como Ary, eram conhecidos trabalhadores da música, homens incansáveis. As músicas de Caymmi tinham seu próprio andamento. Como o sambinha Nada como ser Rosa, que durou sete anos para ser composto.

(Alexandre Augusto)

Um repórter em Canudos

YARA ATAÍDE

Odorico Tavares, jornalista, cronista e memorialista pernambucano-baiano, dispensa apresentações em virtude de sua marcante atuação, sobejamente conhecida, nas décadas de 50/60 no cenário cultural da Bahia. Apaixonado pela terra e pelo povo baiano, identificou-se, não só com a Bahia soteropolitana e litorânea, mas, movido por uma intensa sensibilidade e curiosidade científica, embrenhou-se nos sertões e foi conhecer pessoalmente o sertanejo através de sua verve mais intensa e de sua mais significativa explosão de vida, resistência e identidade: o movimento conselheirista e o que persistiu desta experiência tão intensa quanto inédita depois de cinco décadas.

Canudos — Cinquenta Anos Depois — é indubitavelmente um trabalho pioneiro no registro de história oral numa época em que a história do vencedor, escrita do ponto de vista da ideologia dominante, era a regra. Odorico Tavares, baseado na sua experiência e competência, poderia ter escrito um trabalho explicando ou interpretando Canudos a partir da bibliografia consagrada. Mas, ao contrário, avança, e através de uma sensibilidade de historiador e antropólogo vai ao local, despoja-se de seus condicionamentos e procura conhecer, entender e resgatar Canudos através do que ainda existia de mais importante e mais autêntico: seus sobreviventes. Os verdadeiros sujeitos da história e que, sabiam como ninguém, por experiência própria, o que foi o movimento de Canudos e o papel que ele representou para o sertanejo.

Este livro, apresentado pelo Prof. José Calasans, compõe-se de quatro artigos publicados originalmente no livro *Bahia, Imagens da Terra e do Povo* e que, ora sob a forma de livro, representa parte das comemorações do centenário

da fundação do Arraial de Canudos. Na primeira parte, o autor reconstitui a chegada, a permanência e as primeiras impressões de Euclides da Cunha ao chegar em Salvador destacando o fato de que "o jornalista não viera cumprir somente uma missão profissional, viera, sobretudo, a serviço da República..." Na segunda parte, Odorico excursiona pelo sertão e visita a segunda Vila de Canudos, "hoje uma pequena vila pacata, onde o crime se limita a raros roubos de bodes", reconstituindo jornalisticamente alguns momentos na luta da Canudos conselheirista de 1893-1897.

Na terceira parte, Odorico localiza os sobreviventes da luta, descreve os personagens e reproduz parte de seus depoimentos. A experiência jornalística predominou sobre a investigação do historiador e encontramos entrevistas objetivas e enxutas, direcionadas para atingir o leitor de jornal e revista, cumprindo um grande papel de comunicador e pesquisador, realizador de explicações concisas e inovadoras do grande tema histórico. Odorico teve em mãos um manancial preciosíssimo de informações que poderia ter-se tornado uma das mais valiosas fontes orais da história de Canudos. Ainda assim, seu trabalho merece os maiores elogios pelo registro que realizou.

Na quarta parte, ele detém-se na descrição de Monte Santo e no registro de diálogos e informes sobre sua tradição religiosa e conselheirista. Esta obra é enriquecida com a reprodução de fotos históricas raras dos depoentes e do canhão alcinhado pelos conselheiristas como "a matadeira". De leitura fácil, vibrante e atraente, *Canudos — Cinquenta Anos Depois* é um marco significativo nas comemorações deste primeiro centenário.

■ Yara Dulce Bandeira de Ataíde é professora adjunta da Uneb e mestra em Ciências Sociais pela UFBA.

Canudos — Cinquenta Anos Depois (1947), de Odorico Tavares, Salvador, BA, Empresa Gráfica da Bahia, 1993, 69 páginas.



Odorico Tavares entrevista à época um dos sobreviventes de Canudos 1947.